

REVISTA TRIMENSAL
do
INSTITUTO HISTORICO
Geographico e Ethnographico do Brasil
FUNDADO NO RIO DE JANEIRO
DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XXVIII

Parte Primeira

*Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serà posteritate frui.*



RIO DE JANEIRO
B. L. Garnier — Livreiro-editor

69 Rua do Ouvidor 69

1865.

BREVE MEMORIA

RELATIVA Á CHOROGRAPHIA DA POVINCIA
DE MATO GROSSO.

POR

Augusto Leverger.

ADVERTENCIA.

Para facilitar a referencia á maior parte dos mappas mencionados n'esta memoria conto as longitudes do meridiano de Pariz, supposto 20° a leste do da ilha de Ferro, e tomo por unidade itineraria a legua de tres milhas, ou de 20°.

O mappa que denomino official é o que organisaram os geographos da demarcação de 1777, do qual foi lithographado uma copia redusida no archivo militar em 1853.

A provincia de Mato Grosso occupa no centro da America meridional um espaço de perto de 50,000 leguas quadradas.

Mais de metade d'esta área, a norte do paralelo de 14°, é sertão, que não tem outros habitantes senão indios selvagens.

Na parte restante, a população civilisada, que não chega a 40,000 almas, acha-se repartida em poucos grupos, o principal dos quaes abrange mais de 3/4 da dita população em uma extensão de 2,000 leguas quadradas. Em taes circunstancias é evidente que um reconhecimento geral da provincia é serviço que exigiria muita gente, muito tempo e muito dispendio, e não é de esperar que tão cedo se possam obter todos os dados necessarios para a completa e exacta organisação da respectiva carta. Expôr resumidamente os trabalhos geographicos que até agora se fizeram na provincia, os resultados d'esses trabalhos, e as explora-

ções que me parecem mais necessarias nos lugares habitados ou frequentados, ou susceptiveis de sê-lo mais ou menos immediatamente: tal é o fim a que me propuz n'esta Memoria.

Começarei por dar uma idéa geral da geographia physica d'esta parte do Imperio. A provincia de Mato Grosso acha-se situada entre os parallelós de 7° e 24° de latitude meridional, e os meridianos de 52° e 68° a oeste do de Paris. Não são exactamente conhecidas as latitudes e longitudes dos pontos extremos, a saber: a norte o lugar das tres barras, confluencia do rio de S. Manoel com o Juruema ou Tapajoz; a leste a margem do Araguaya, fronteira á ponta inferior da grande ilha do Bananal ou de Sant'Anna; a sul a foz do Iguatemy; e a oeste a foz do Abuná no Madeira. Os limites com as republicas do Paraguay e de Bolivia são objectos de questões internacionaes ainda pendentes. A divisa com as provincias do Amazonas e do Pará não está bem definida. O limite com a provincia de Goyaz deve ser o Araguaya e um affluente occidental ainda não legalmente designado do Paranaiva. Este ultimo rio é divisa com a provincia de Minas, e o Paraná com as de S. Paulo e do Paraná.

Distinctos limites naturaes são os ditos rios Araguaya, Paranaiva, e Paraná a leste, e pelo lado occidental o Paraguay e o Guaporé que leva as suas aguas ao Mamoré e Madeira.

Os immensos cursos de agua que regam o territorio, offrem a divisão natural da provincia em duas grandes regiões: a do norte, cujas aguas entram no oceano pela foz do Amazonas, e a do sul, que verte para o Paraná e o Paraguay, tributarios do Prata.

A tortuosa linha que divide essas aguas vem da provincia de Goyaz a rumo de SO, e entra n'esta nas immediações

do paralelo de 18° e do meridiano de 55°, onde se acham mui proximas as fontes do Araguaya, galho do Tocantins, e as do Sucuriú, affluente do Paraná. N'esta paragem muda abruptamente a sua direcção do SO para NO, e n'este ultimo quadrante separa os affluentes do Araguaya dos do S. Lourenço, tributario do Paraguay.

Antes de chegar ao paralelo do 15° inclina-se para oeste e depois para SO, passando entre as fontes do Aricá-mirim, pequeno affluente do Cuyabá, e as do rio Manso, principal cabeceira do rio das Mortes, que vai entrar no Araguaya na proximidade da parte superior da ilha do Bananal.

D'este ponto segue a linha divisoria a norte para NE, deixando á esquerda as fontes dos riachos que affluem para o Cuyabá, e á direita as cabeceiras de diversos rios que os mappas representam como galhos do Xingú, mas que com bom fundamento supponho ser tributario do Tapajoz.

Pelo paralelo do 14° torna a tomar a direcção de NO e oeste, que segue com muitas sinuosidades entre as origens do Arinos entretecidas com as do Cuyabá e do alto Paraguay; volta depois a SO para sul, passando entre as vizinhas fontes do Jaurú e do Guaporé; alli descem estes dois rios a escarpa da chamada serra dos Parecis, em seguida, subindo vai passar pelo cume da serra de Agoapehy, onde, quasi juntos, nascem o rio do mesmo nome, affluente do Jaurú, e o Alegre, galho do Guaporé; e finalmente vai entrar no territorio boliviano, perto do monte da Boa-Vista, a SSE da cidade de Mato Grosso.

A dita linha divisoria não forma a crista de serras, como figuram alguns mappas; corre por um *plateau* que se estende desde as immediações do Paraná e Araguaya até um pouco a oeste das fontes do Guaporé, lançando ramificações que, pelo lado mais meridional, dividem as vertentes

do Paraná, desde o Paraguay, e a norte separam as bacias do Araguaya, Xingú, Tapajoz, Guaporé e baixo Madeira. O terreno d'este *plateau* não é propriamente montanhoso, mas sim accidentado por collinas de pouca altura, e por sulcos mais ou menos profundos, formados pelo esgoto das aguas.

A sua maior elevação acima do nível do mar é pouco mais ou menos de 400 braças ou 900 metros. E' vestido de gramineas, sarças, arbustos e arvoredo baixo, enguiço e pouco corpulento, em algumas partes espalhados cá e lá, em outras grupados em bosques mais ou menos extensos, a que, no paiz, chamam *cerrados* ou *cerradões*, segundo a sua espessura. O solo em muitos lugares é areento.

E' quasi unicamente nas margens e cabeceiras dos rios que se vêem matos e terrenos muito proprios para a agricultura.

O *plateau* central e suas ramificações em algumas partes abaixam-se suavemente até ás varzeas, em outras terminam-se por ingremes declivês, ás vezes em grande distancia dos rios.

Este caso dá-se com especialidade na bacia do Paraguay, onde as aguas que trasbordam periodicamente o alveo, estendem-se em annos de copiosas e aturadas chuvas até dezenas de leguas das margens, formando um immenso lago, onde se misturam o rio principal e seus affluentes.

Aos referidos declives e a collinas de mediocre elevação dá-se o nome de serras ; e, como estas mudam de appellido em cada localidade, d'ahi provém uma copiosa nomenclatura orologica, conhecida particularmente apenas pelos habitantes das mesmas localidades, e pelos viajantes que por ellas transitam.

Direi algumas palavras da divisão territorial política, não como elemento de estatística, mas tão sómente para dar

ídeia da distribuição da população civilizada ou sujeita às leis do Imperio. Entre os paralelos de 14° e 16° 30', e os rios Paraguay e S. Lourenço, que distam entre si cousa de 50 leguas, existem as seguintes povoações de quatro municípios :

A cidade de Cuyabá, e as freguezias de Pedro II, Santo Antonio, Livramento, Guia, Brotas e Sant'Anna da Chapada.

A villa do Diamantino (o Diamantino não está precisamente dentro dos limites indicados, mas dista apenas 2 leguas da margem direita do Paraguay) e a freguezia do Rosario. A cidade de Paconé, Villa-Maria. Este grupo contém, pouco mais ou menos, em numero redondo, 25,000 habitantes livres, e 5,000 escravos.

Na parte superior da bacia do Guaporé existe a decahida cidade de Mato Grosso, cuja população, inclusive a dos pontos militares de Casalvasco e forte do Príncipe, não chega a 2,000 almas.

Pela margem direita do Paranaiva e Paraná estende-se o termo da villa de Sant'Anna, que julgo não ter mais de 3,000 habitantes.

Finalmente, forma a parte mais meridional da província o termo da villa de Miranda, que se estende do Paraná ao Paraguay, e abrange na margem direita d'este ultimo rio as freguezias de Albuquerque e de Corumbá. A população total pôde avaliar-se de 4,000 a 5,000 almas. Accrescentando 500 ou 600 pessoas que vivem espalhadas pelos caminhos de Goyaz e S. Paulo, e em lugares isolados, temos o computo de 40,000 habitantes.

Passo a tratar dos trabalhos geographicos.

Não tenho a pretenção, nem os meios, nem me parece haver necessidade de indagar com que elemento se descreveu em antigos mappas esta parte da America.

Creio que os primeiros christãos que n'ella penetraram, foram os hespanhoes, que em diversas expedições desde o anno de 1537 subiram pelo Paraguay em procura de caminho para o Perú, e fundaram na parte meridional da província alguns estabelecimentos, cuja duração foi ephemera.

Posteriormente os vicentistas ou paulistas exploraram estes sertões em conquista do gentio. Muito antes de fundar-se Cuyabá haviam estado n'esta paragem Bartholomeu Bueno da Silva, Anfonio Pires de Campos, e porventura outros com numerosa comitiva, como era preciso para as arduas emprezas d'esses ousados aventureiros.

Muito fraca luz lança sobre a geographia o pouco que tem conservado a tradição ácerca d'essas expedições, e até causa alguma confusão a respeito da situação de alguns rios e montes de que faz menção. O mesmo sucede também com roteiros mais modernos, sendo que as distâncias são geralmente avaliadas por dias de viagem e os rumos pelas direcções de nascente e poente. Concede-se quanto são vagas e susceptiveis de induzir em erro semelhantes designações, que alias são ás vezes omittidas.

Tendo-se descoberto ouro em Cuyabá em 1719, não tardaram affluir numerosos emigrantes, e desde então até ha vinte e tantos annos não cessou de ser praticada a communicação official entre esta província e a de S. Paulo.

Em 1736 abriu-se um caminho de terra de Cuyabá para Goyaz ; foi, porém, pouco frequentado.

Em 1746 o sargento mór João de Sousa Azevedo emprehendeu a navegação para o Pará pelo Tapajoz. Tendo apromptado a sua expedição ao Jaurú, desceu por este rio e subiu pelo Paraguay e Sepitiba até onde lhe foi possível; varou as suas canôas por terra até o rio do Sumidouro, por cujo alveo desceu ao Arinos, e continuando a navegar aguas abaixas chegou a salvamento ao Pará. Julgou, porém, im-

praticavel o voltar pela mesma via. Os nomes que Azevedo impôz aos affuentes do Arinos e do Juruema, são até o presente conservados em todos os mappas que conheço, suposto que tenham sido mais de uma vez mudados e estejam hoje desconhecidos pelos que fazem habitualmente a dita navegação.

Em 1759 chegou aos arraiaes de minas de Mato Grosso pelo Guaporé e Sararé uma expedição vinda do Pará para explorar o curso do Madeira.

A relação d'esta viagem foi publicada pela academia real das sciencias de Lisboa no tomo 4º da *Collecção de notícias para a historia e geographia*, etc.

A respeito da dita relação diz o capitão general Luiz Pinto de Sousa, em officio dirigido à secretaria d'estado em 1769: « Supponho que com as mesmas luzes seria a nossa corte informada n'essas materias pela relação de viagem que, em virtude de ordens régias, se comprehendeu do Pará para estas minas no anno de 1749, e que executou o sargento mór Luiz Fagundes em companhia do piloto Antonio Nunes de Sousa, cujos erros no calculo das leguas, na positura e direcção das cachoeiras, na largura dos rios, e emfim até na verdadeira medida das alturas, fazem a dita relação pouco attendivel. »

Em 1751 teve principio o governo da recemcreada capitania general do Mato Grosso pela posse que tomou em Cuyabá o seu primeiro governador, D. Antonio Rolim de Moura. Viéra o dito governador pela navegação fluvial de S. Paulo e escreveu um circumstanciado e exacto itinerario da sua viagem. (Inserido na *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico*, tomo 7º n. 2, de Janeiro de 1846.)

Não lhe eram estranhas as observações astronomicas, como se deprehende do seguinte trecho, relativo á sua es-

tada em Camapuã: « Como estas (as trovoadas), que se armavam quando ia chegando o meio-dia, me embarça-vam de tomar o sol á minha vontade. Um dia, ainda que com grande dificuldade, por estar-se escurecendo de quando em quando, me pareceu achar a altura de $19^{\circ} \frac{1}{2}$. »

Em 1752, depois de lançar os primeiros alicerces de Villa Bella, hoje cidade de Mato Grosso, o governador enviou ás Missões da província hespanhola de Majes, por motivos politicos, o padre jesuita Agostinho Lourenço, que viéra do Rio de Janeiro na sua companhia. Este religioso escreveu uma minuciosa relação da sua viagem de ida e volta.

Em 1754 vieram, pela via do Paraguay, collocar o marco do Jaurú os commissarios das tres partidas da demarcação de limites, na conformidade do tratado de 1750.

O terceiro governador, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, já na viagem que fez do Pará para Mato Grosso, deu grande atenção ás circumstancias geographicas, como se vê de um extenso officio que sobre esta materia dirigiu á secretaria de estado em Janeiro de 1769. Cumpre, porém, dizer que algumas posições que refere e provavelmente tirou dos mappas que tinha á sua disposição, differem consideravelmente das que foram posteriormente deduzidas de observações exactas. Assim tambem enganou-se evidentemente noticiando que, na boca de Jamary, antes de chegar á primeira cachoeira do Madeira, achou a altura do mercurio no barometro $4 \frac{1}{2}$ pollegadas menor que na cidade do Pará, o que comprehenderia a uma impossivel diferença de nível; sendo que pouco menor altura da columna barometrica achou o Dr. Pontes no cume da serra dos Parecis, isto é, n'um dos pontos mais altos do *plateau* central.

O governador Luiz Pinto ordenou varias explorações, e entre elles a abertura de um caminho pelo alto do terreno da

fortaleza de Bragança (substituido pela fortaleza do Principe) para Cuyabá. Esta expedição foi mal sucedida depois de ter gasto um anno inteiro n'esta exploração e de ter perdido, inanidas de fome e de cansaço, ou mortas pelos indios e pelas feras, 23 das 82 pessoas que a compunham ; teve de voltar á Villa Bella (Mato Grosso) antes de chegar ás cabeceiras do Guaporé. Comtudo reconheceu a praticabilidade do projectado caminho. O itinerario d'esta viagem foi feito ao principio com muito cuidado, indicando-se os rumos pela agulha e medindo-se as distâncias em braças. Houve, porém, depois falta de exactidão, pois, traçando-se a derrota no mappa, o ponto de chegada vem ter muito a oeste de Mato Grosso, devendo ficar a leste. Entretanto esta derrota vem delineada na grande carta de Avey de la Rochette, publicada por Tadem em 1807 ; fizeram-se-lhe, porém, as modificações necessarias para não aparecer o erro que acabo de apontar.

O mesmo governador já em 1771 tinha duvidas ácerca do curso do Paranatinga, e pedia informações a este respeito á camara de Cuyabá e ao governador de Goyaz, que lh'as não puderam ministrar senão muito vagas, apezar de consultarem os mais antigos e experimentados sertanistas.

O capitão general Luiz de Albuquerque veiu por terra do Rio de Janeiro a Cuyabá, onde chegou em fins de 1772. Trazia na sua companhia um official de engenheiros e fez um circumstanciado itinerario d'a sua viagem. Recordo-me de ter visto esse trabalho ; mas, procurando-o depois no archivio da secretaria da província para examinal-o mais attentamente, não o pude encontrar. A derrota de Goyaz a Cuyabá vem traçada no mappa-official, e cumpre dizer que differe muito do caminho que presentemente se segue, e que ha evidentes erros nas origens e direcções de alguns rios e ribeiros. Depois de entrar no exercicio do governo

de Mato Grosso, o governador mandou fazer numerosas explorações nas vizinhanças da villa e pelo Guaporé abaixo, tomando pessoalmente parte em uma d'estas.

Mandou tambem reconhecer o curso do rio Paraguay e o territorio dos Guarajús. Infelizmente as pessoas incumbidas d'essas diligencias tinham mais zelo do que instrução, e as derrotas que se acham registradas, embora contenham minuciosas informações topographicas, pouco aproveitam para a geographia, por não haver uma só posição determinada por observação astronomica, e por serem de modo muito vago indicados os rumos e as distâncias.

Em 1775 o governador fez sahir de Cuyabá uma expedição de canôas armadas, que teve ordem de explorar o rio Paraguay e de fundar um estabelecimento no Fecho dos Morros, o que não foi pontualmente cumprido, fundando-se o presidio de Coimbra, a nova, na margem direita do Paraguay, e no lugar outr'ora chamado Estreito de S. Francisco Xavier.

No mesmo anno mandou expedir de Mato Grosso uma bandeira para investigar os campos de Ourucumacuã, donde suppunha-se haver ricas minas de ouro. Esta expedição mallogrou-se, regressando antes de chegar ao seu destino.

No segundo anno, de 1776, mandou fazer o reconhecimento do rio Mboteteú, ao qual o explorador impôz o nome de Mondego, e bem assim deu denominações portuguezas aos affuentes e aos montes e outros accidentes de terreno que foi avistando. Estes nomes, que se lêm em muitos mappas e escriptos são quasi geralmente desconhecidos no paiz : o principal galho chama-se Aquidauana; outro no de Miranda, em vez de Mareco, como fôra denominado em 1776, e assim dos mais. Subiu a expedição até ás cabeceiras, e comtudo não pôde dar com o varadouro para o rio Anhanduhy, por onde eram outr'ora transportadas as ca-

nões que trafegavam entre esta província e a de S. Paulo ; tendo sido aquelle varadouro abandonado em 1735, por preferir-se-lhe o de Camapuã. Tive em mão o diário d'esta expedição e até conservo um extracto d'elle ; é bastante-modo circumstanciado, mas pelos motivos já apontados não dá os meios de delinear com exactidão ou ainda approximadamente o curso do rio.

Aos engenheiros e astronomas enviados pela corte de Lisboa para a demarcação de limites, em observância do tratado de 1777, são devidos os primeiros trabalhos científicos, e os mais importantes que até agora se fizeram. Compunham a partida que veiu funcionar em Mato Grosso os capitães engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra e Joaquim José Ferreira, e os Drs. astronomas Francisco José de Lacerda e Antonio Pires da Silva Pontes. Chegaram a Mato Grosso em 1782, tendo vindo pelos rios Madeira, Mamoré e Guaporé, de cuja navegação fizeram uma excellente descrição, de ha muito publicada. (Foi mais recentemente inserida na *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico* tomo 20, 4º trimestre de 1857).

Logo depois de sua chegada fizeram interessantes observações em Villa Bella e no fronteiro morro do Grā Pará ; e o capitão Ricardo Franco com o Dr. Pontes foram reconhecer os terrenos que medeiam a mesma villa e as cabeceiras do Paraguay.

Em 1783 o Dr. Lacerda voltou para o baixo Guaporé, afim de fazer novas observações para o complemento da respectiva carta, e para explorar parte dos rios que desaguam no mesmo Guaporé pela margem esquerda, e com especialidade o território dos guarajús.

Os outros mathematicos exploraram as vastas campinas de Casalvasco até as fontes do rio Barbados.

Em fins do mesmo anno o capitão Ricardo Franco e o Dr.

Pontes foram reconhecer os terrenos a sul de Mato Grosso e oeste do Jaurú, com ordem de chegarem até o Marco. Não poderam concluir esta diligencia, que renovaram no anno seguinte, abrangendo tambem a exploração a serra de Aguapehy, o rio do mesmo nome e o Alegre, e o espaço que medeia entre os ditos rios e o caminho de Villa Maria.

No intervallo entre estas duas expedições foi o Dr. Pontes reconhecer o curso do Guaporé de Villa Bella para cima.

Em 1786 os quatro mencionados engenheiros e astronomos, acompanhados de praticos e numerosa comitiva, procederam a um minucioso reconhecimento do rio Paraguay e de todas as lagôas e escoantes que com elle comunicam pela margem occidental desde a foz do Jaurú até a bahia Negra. Percorreram em canoas grandes espaços de campanha que n'aquelle época (de Abril a Junho) achava-se alagada em diversas partes, com mais de dez palmos d'agua. Voltaram pelos rios de S. Lourenço e Cuyabá até a villa deste nome, e regressaram por terra a Mato Grosso, sempre tomando nota da derrota, e fazendo nos principaes lugares as possiveis observações astronomicas.

De Cuyabá o Dr. Pontes solicitava e obtivéra permisão do governador para explorar as vizinhanças do alto Paraguay Diamantino. Não se effectuou, porém, esta diligencia, que teria tido por resultado a correcção de graves e numerosos erros com que está até hoje figurada, ou antes desfigurada no mappa official esta parte da província aliás povoada e frequentada.

Em 1789 o Dr. Lacerda seguiu, de ordem do general para S. Paulo, incumbido de fazer o reconhecimento dos rios Taquary, Coxim, Camapuã, Sanguexuga, Pardo, Pa-

raná e Tieté, por onde se fez a navegação entre esta e aquella província.

O Dr. Pontes foi mandado explorar os rios Paraguay, Verde e Capivary, affluentes occidentaes do Guaporé.

E, de volta d'esta expedição foi á serra dos Parecis, examinar as origens muito vizinhas do Savaré, Juruema, Guaporé e Jaurú. Em 1790 veiu do Pará o naturalista Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, enviado em missão scientifica pela corte de Lisboa. Não me consta que fizesse n'esta província trabalho algum relativo á geographia matematica.

N'este mesmo anno de 1790 o capitão general Luiz de Albuquerque, antes de entregar o governo a seu irmão João de Albuquerque que fôra nomeado para substituir-o, dissolveu de ordem superior a partida de demarcação de limites. O Dr. Lacerda não voltou mais á província. O Dr. Pontes retirou-se d'ella, bem como, pouco depois o major Joaquim José Ferreira. Só ficou o major Ricardo Franco que morreu em 1809 no forte de Coimbra, depois de ter prestado relevantissimos serviços, estranhos porém, a chorographia.

Não receio errar, affirmando que desde aquella época de 1790 até 1826, não houve quem fizesse na província uma só observação celeste para fins geographicos.

De todos os referidos trabalhos e de outros que por menos importantes tenho deixado de mencionar, fizeram-se relatorios e optimos mappas em muito grande escalla, dos quaes remetteram-se cópias ao governo, archivando-se outras.

E' muito para lamentar que estes monumentos não existam mais na secretaria da província. Uns extraviaram-se, outros foram remetidos para a corte em cumprimento de ordens do governo imperial.

Em Outubro de 1830 o vice-presidente em exercicio fez uma notavel remessa d'essas para satisfazer a exigencia da portaria do ministerio do Imperio de 14 de Janeiro do mesmo anno. Recordo-me de que em 1847, a pedido do Exm. presidente Dr. J. Chrispiniano Soares, eu pude ainda descobrir no archivo os mappas do Madeira, Mamoré, Guaporé e rio Verde, dos quaes tirei uma cópia lixeira antes que fossem expedidos para a corte, e bem assim fiz uma cópia reduzida de um mappa em ponto grande da fronteira de Matto Grosso. Quasi nada resta na dita secretaria, senão o que se acha copiado nos livros de registo que a traça não tardará a destruir. Com os resultados dos mesmos trabalhos fizeram-se importantes correccões ás cartas até então existentes, e organisou-se uma nova, da qual tiraram-se cópias por diversas vezes. E' a que chamo official. Os cartographos nacionaes e estrangeiros aproveitaram-se dos melhoramentos que apresentou, e não se lhe fez, que me conste, emenda alguma, senão de 8 ou 10 annos a esta parte.

Sob a administração dos sucessores do general Luiz de Albuquerque, continuou-se a expedir bandeiras para a repressão das correrias dos indios, para a destruição dos quilombos e em busca de minas de ouro. Das relações d'essas expedições pouco proveito pôde tirar a chorographia, pela razão já exarada de faltarem os dados indispensaveis para a delineação das derrotas.

Em 1797 o capitão general Caetano Pinto de Miranda Monte Negro mandou fundar o presidio de Miranda (hoje villa) sobre um galho meridional do Mboteteú, ao qual se déra em 1776 o appellido de Mareco, como a este ultimo de Mondego. Desde então o serviço militar exigiu por vezes explorações n'aquelle disticto ; todas, porém, têm o defeito que ainda agora acabo de apontar. E' de notar-se que,

nem nas cópias da carta oficial que se tiraram n'esse mesmo anno de 1797, nem posteriormente (senão ha pouco) se designou a posição do mesmo presidio. Em 1803 o governador mandou reconhecer o rio Manso, que atravessa a estrada entre Goyaz e Cuyabá, a 20 leguas de distancia d'esta cidade, e é figurado nos mappas como affluente do rio Cuyabá. Os exploradores, navegando agua abaixo, foram ter ao arraial, hoje extinto, dos Araes, ou de Amarante, na margem esquerda do rio das Mortes. Não restou, pois, duvida de que o dito rio Manso é a mais remota cabeceira do mesmo rio das Mortes, e não deve ser confundido com outro rio de igual nome, que nasce em não pequena distancia no quadrante NO., e é com efecto tributario e porventura galho principal do rio Cuyabá.

Em 1805, por occasião de facultar-se a extracção do ouro nos terrenos até então vedados do alto Paraguay Diamantino, o capitão general Manoel Carlos de Abre o e Menezes fez apromptar uma expedição de canoas, que desceu ao Amazonas pelos rios Arinos e Tapajoz. Porém o respectivo encarregado não se atreveu a voltar pelo mesmo caminho. Mais animosos e bem sucedidos foram os que emprehenderam a mesma navegação em 1812 sob os auspicios do capitão general João Carlos Augusto de Oeynhaußen. Regressaram com canoas carregadas pelos mesmos rios, e desde então têm continuado este trafego com maior ou menor frequencia. Existem a respeito varios roteiros, que dão valiosas informações; porém não as precisas para se traçar o curso da dita navegação. Constava de tradição que um desertor déra noticia de um curto varadouro entre o Sucuriú, affluente do Paraná, e o Pequeri, galho do S. Lourenço. Como esta descoberta fôra de summo interesse para a navegação de S. Paulo, o general João Carlos mandou em 1815 explorar essas paragens.

Direi mais adiante qual foi o resultado de tal indagação.

Em 1819, sob o governo do ultimo capitão general Francisco de Paula Magessi explorou-se novo caminho para o Pará.

Perto da fazenda das Paranalingas e em breve distancia das cabeceiras do rio Cuyabá passa, já caudaloso, o rio Paronatinga.

D'alli partiu uma expedição de canoas dirigida pelo tenente de milicias Antonio Peixoto de Azevedo, que com 67 dias de viagem entrou no Tapajoz, no lugar das Tres Barras. (Por mais diligencias que fizesse não pude descobrir cópia do roteiro do tenente Peixoto, que o general Magessi remetteu á secretaria de Estado, e nenhuma informação tenho a este respeito mais circumstanciada do que a referida na obra do conde de Castelnau.—Tomo 3º, sec. 109).

Ficou, pois, averiguado que o galho mais remoto do rio das Tres Barras nasce a sul e a leste das fontes do Cuyabá, e não 60 leguas a norte, como o indicam todos os mappas que conheço, e outrosim que não é galho do Xingú o rio que como tal figuram os mesmos mappas n'aquellas paragens.

E' singular que no mappa official se não leia o nome de Paranatinga, geralmente conhecido e usado na província desde remotissimo tempo até o presente, sendo que em alguns mappas estrangeiros lê-se o dito nome a par do de Xingú, perto da foz d'este, no Amazonas.

Com o general Magessi viéra para a província o capitão, depois major de engenheiros, Luiz de Alincourt, a quem se devem trabalhos de bastante interesse para a chorographia, como sejam : — Uma exacta e circumstanciada descripção da *Viagem de Santos a Cuyabá*. — Uma memoria ácerca das

fronteiras do Baixo Paraguay e de Mato Grosso.—Um resumo das explorações feitas desde o registro de Camapuã até á cidade de Cuyabá, passando por Miranda. — E outro resumo de observações de estatística feitas desde a mesma cidade até á villa do Paraguay Diamantino.—(Estes trabalhos foram publicados em um folheto impresso em 1825 e na *Revista do Instituto Historico e Geographico*, tomo 2º, 3º trimestre de 1857.)

Ao major d'Alincourt não faltava zelo nem instrução, e colhem-se dos seus escriptos valiosas informações. Porém não fez observação astronomica alguma, e commetteu erros na designação da posição geographicā de alguns pontos importantes, como, v. gr., nos de Miranda, que colloca na latitude de 20° 50', devendo ser de 20° 13'. Comtudo puderá o major Alincourt ter feito notaveis melhoramentos no mappa official, especialmente nas partes por elle exploradas da estrada de Goyaz, do districto de Miranda e do espaço que medeia entre a cidade de Cuyabá e a villa do Diamantino, bem como da mencionada noya navegação do Paranatinga, e é de admirar que os não fizesse, tendo sido, como foi, chefe de uma commissão de estatística que por algum tempo aqui funcionou.

Em 1827 chegou a Cuyabá uma expedição scientifica que viajava á expensas do imperador da Russia e tinha por chefe o conselheiro Jorge Langsdorff. Os trabalhos de geographia mathematica estiveram a cargo de um official da marinha russa, de nome Rubzoff, que, segundo sou informado, era muito diligente e applicado. E' de lastimar que os seus trabalhos não fossem publicados, e talvez se perdessem. Talvez se pudesse facilmente, por intermedio da legação imperial em S. Petersburgo, obter cópia d'esses trabalhos, pois, entre outros proveitos, tirariamos d'elles o de obtermos uma carta, que nos falta, da navegação dos rios

Arinos, Juruema e Tapajoz, por onde retirou-se o dito conselheiro, tendo vindo pela navegação de S. Paulo.

No mesmo anno visitou tambem esta província o alemão Dr. J. Netteper, mas, segundo me consta, este ocupava-se quasi exclusivamente de historia natural, e com especialidade da zoologia. O presidente, o finado senador José Saturnino da Costa Pereira, e os vice-presidentes seus sucessores mandaram continuar as indagações ácerca do varadouro entre o Sucuriú e o Pequeri, tanto por terra como navegando os ditos rios.

Afinal reconheceu-se que, entre os pontos até onde são navegaveis, medeia um espaço muito grande e cortado por diversas cabeceiras do Taquary, que, portanto, não convinha para os fins que se tinham em vista.

Porém a exploração d'aquellas paragens, até então desertas, e que começaram a povoar-se com alguns emigrantes vindos de Minas, deu lugar a intentar-se a abertura de um caminho terrestre, que, vindo em direitura de Cuyabá, fosse atravessar o Paraná e entrar na província de S. Paulo pelo espigão, entre os rios Tieté e Mogiassú. A picada foi definitivamente aberta em 1835. E' a este caminhó que se chamá estrada do Pequeri.

Em 1845 a presidencia mandou fazer o reconhecimento da dita estrada e indagar os meios de ligal-a com a antiga estrada de Cuyabá a Goyaz. Foi incumbido d'esta diligencia o Sr. capitão de engenheiros E. A. de Lassance, que deu conta d'ella; mas, sendo mal provido do necessário para semelhante expedição, e não tendo á sua disposição outros instrumentos senão um má relogio e uma má agulha, não lhe foi possivel fazer trabalho exacto. Desde 1844 a 1845 aqui estiveram o conde F. de Castelnau e seus companheiros, cujos trabalhos correm impressos. Pelo mesmo tempo o Sr. major de engenheiros H. de Beaurepaire Ro-

han fez interessantes estudos sobre a chorographia e estatistica da provincia.

Não foram, que me conste, publicados e não ministram materia nova pelo que diz respeito á geographia meramente mathematica.

Em 1846 e 1847 tambem aqui esteve o Sr. barão Von Helmriechen, que se occupava principalmente da geognosia, mineralogia e observações magneticas, não deixando comtudo de fazer observações astronomicas importantes para a geographia. Falleceu no Rio de Janeiro. Não sei que destino tiveram seus papeis; é provavel que fossem remettidos para Vienna. Favoreceu-me com o resumo das observações que fez para determinar a latitude e longitude de Cuyabá, e bem assim a inclinação e declinação da agulha na mesma cidade n'aquelle época.

Nos annos de 1840 a 1850 o Sr. barão de Antonina mandou fazer diversas explorações na parte meridional da provincia. O norte-americano J. Elliot, que, como piloto, tomou parte n'ellas, organisou o respectivo mappa, sem porém soccorrer-se, que eu saiba, á observações astronomicas.

Em 1853 o Sr. capitão T. J. Page, da marinha americana, veiu com o vapor *Waterwitch*, enviado pelo governo dos Estados Unidos para explorar as aguas do valle do Prata. Não passou então de Corumbá para cima. Publicou a sua viagem em 1859. Voltou n'este mesmo anno (de 1859) em os vapores *Argentina* e *Alpha*, e com este ultimo chegou até alguma distancia acima da confluencia do Paraguay e do Sipotuba. Reconhecia tambem a parte inferior do S. Lourenço e o Cuyabá até esta cidade. Teve a bondade de communicar-me as observações que fez para a determinação da latitude e longitude de diversos pontos,

n'esta ultima expedição, cuja relação não me consta haver sido publicada.

De 1853 a 1856 foram feitas pelo Sr. tenente da artilharia F. Nunes da Cunha diversos reconhecimentos nas lagôas Mandioré e Pamengos, rio Novo e bahia Negra, no chamado rio Branco, e ainda no distrito de Miranda, em procura de lugar asado para se fundar n'elle a colónia militar dos Dourados. D'essas explorações foram remettidas cópias ao governo. Em 1857 e 1858, os membros da comissão de engenharia que foi então creada e mais alguns officiaes escreveram relações da viagem que fizeram para esta província.

Não tenho conhecimento d'esses escriptos, á excepção de um interessante diario de viagem da província do Paraná para Miranda, pelo Sr. capitão de engenheiros E. C. de Sousa Pitanga. Já em 1855 o Sr. capitão de artilharia J. A. Xavier do Valle déra-me cópia de uma relação da mesma viagem que enviára ao Sr. ministro da guerra.

Em algumas excursões que, no exercicio da presidencia, fez em 1858 e 1859, o Sr. conselheiro de Lamare determinou por observações astronomicas a posição de Villa Maria, Dourados, Corumbá, Coimbra e Miranda,

Em 1862 o Sr. C. B. Bossi tendo feito uma viagem d'esta cidade até 15 ou 20 leguas abaixo da confluencia do rio Preto com o Arinos, observou alturas meridianas do sol que lhe deram a latitude de alguns pontos intermedios, entre outros da villa do Diamantino.

Concluindo a enumeração dos trabalhos geographicos feitos n'esta província, farei menção de alguns serviços meus.

Em 1830 fiz um itinerario da navegação fluvial da província de S. Paulo para esta.

Em 1834 fiz a derrota da jornada d'esta cidade á de S. Paulo, passando pela de Goyaz. Cada vez que me foi possivel, e em qualquer lugar que me achasse, observei a altura meridiana do sol para obter a latitude.

Em 1837, 1844 e 1845 tive occasião de rever a dita derrota, e de accrescentar-lhe outras feitas pelas provincias de Goyaz, Minas e Rio de Janeiro, porém não pude fazer novas observações, nem rectificar as anteriores.

De 1839 a 1856 fiz muitas viagens pelos rios Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá, e, comquanto a maior parte d'ellas tivesse outro fim que não o da exploração, nunca deixei de cuidar da derrota e de fazer as possiveis observações, ao menos de latitude.

Em 1847 e 1848 remetti ao governo a carta do Paraguay, desde a foz do Sipotuba até o Paraná, na escala de 1:100000. Parte d'este trabalho foi lithographado.

Em 1849 acompanhei o presidente em uma viagem que fez á fronteira de Villa Maria, e fiz o itinerario de Cuyabá ao ponto extremo da Concha Grande, cuja latitude determinei por observações, bem como a de outros pontos.

Em 1850 fiz um ligeiro reconhecimento do rio de Miranda até á villa d'este nome, mas não pude fazer observações que me dessem meio de corrigir a estima.

Em 1859 explorei o rio Cuyabá da cidade para cima, até onde é, sem maiores inconvenientes, navegavel por canoas; e com este trabalho completei e remetti ao governo o mappa que anteriormente fizera da parte inferior do mesmo rio, e do de S. Lourenço até o Paraguay. Este mappa foi tambem lithographado.

Tendo sido pelo governo incumbido, em 1844, de um trabalho relativo á historia da demarcação de limites n'esta provinacia, tive occasião de folhear os livros e papeis da se-

cretaria da provincia, e de passagem tomei nota dos documentos que diziam respeito á chorographia.

Posteriormente revi mais attentamente esses documentos, e dos principaes tirei cópias ou excerptos, á vista dos quaes escrevo esta memoria.

Vou emittir a minha humilde opinião ácerca do que é relativo a esta província nas cartas que conheço da America Meridional, do Brasil, e da mesma província.

De todas as cartas que foram publicadas até o fim do seculo passado, e ainda muito posteriormente, a que chamo oficial é a que contém maior somma de dados exactos, dos quaes, como já disse, têm-se aproveitado os cartographos nacionaes e estrangeiros.

Vem n'ella bem descriptos os rios Madeira, Mamoré, Guaporé e os affuentes d'este, Paraguay, rio Verde, Capi-vary, Alegre e Barbados ; parte do curso do Jaurú e todo o do Paraguay, desde a Villa Maria até a Bahia Negra, e todas as aguas que communicam com o mesmo Paraguay pelo lado de oeste no dito intervallo. Os terrenos a sul da cidade de Mato Grosso, e a oeste do caminho que vai da mesma cidade á Villa-Maria, até á linha divisoria com Bolivia ; os rios Taquary, Coxim, Camapuã, Pardo e Paraná, desde a foz do rio Pardo até á do Tieté ; o S. Lourenço e Cuyabá até esta cidade, e o caminho da mesma para a de Mato Grosso.

Todo o restante, que não foi objecto das explorações dos distinctos engenheiros e astronemos da partida de demarcação de limites, é notoriamente defeituoso ou de duvidosa exactidão.

Releva dizer que os desenhadores da dita carta, talvez para darem idéa da inundação que se manifesta periodicamente em algumas paragens, exageraram demasiadamente

a largura de alguns rios em relação á de outros, e este defeito, reproduzido pela gravura em diversas cartas, entre as quaes citarei a que foi publicada pelo Archivo Militar em 1853, dá noções muito erradas da topographia das referidas paragens. Assim, por exemplo, na vizinhança de Mato Grosso, vê-se o pequeno riacho Barbados representado com uma enorme superficie d'agua, ao passo que o principal rio, o Guaporé, está figurado por um tenuissimo risco. O rio Cuyabá está desenhado com largura vinte vezes maior que a dos Porrudos ou S. Lourenço, sendo-lhe, na realidade, inferior, tanto em largura como em profundidade, e dando-se o erro de ser a mesma em ambos a alagação produzida pelas aguas trasbordadas.

O mesmo nota-se em outras paragens.

A carta d'esta província, que publicou em 1850 W. Williers de l'Ile Adam, apresenta muitos e graves erros, dos quaes mencionarei alguns.

Vê-se na margem esquerda do Paraguay e defronte da lagôa de Uberava uma freguezia de Corumbá que alli nunca existiu, nem outra qualquer, sendo a povoação d'este nome a de Albuquerque, collocada na mesma carta, como deve ser, na margem direita, 30 leguas mais abaixo.

A freguezia do Rosario está figurada a leste quarta de nordeste da villa do Diamantino, devendo ser a sul, um pouco para oeste. O rio Cuyabá parece não ter saída para outro qualquer. Do S. Lourenço não se faz menção.

Em 1856 veiu-me ás mãos uma cópia do mappa do Sr. J. Elliot, na qual o terreno a sul e sueste de Miranda está figurado com pormenores que, quando sejam bem exactos, dão melhor idéa da topographia d'aquellas paragens do que as cartas até então existentes. Aproveitei-me do dito mappa

para esboçar o que então remetti para o uso do commandante do districto militar de Miranda.

Na carta do Imperio, organisada pelo finado coronel Conrado Jacob de Niemeyer, reproduziram-se erros que podiam ter sido corrigidos no mappa official, e introduziram outros, v. gr. :—Não se mencionam villas e freguezias creadas posteriormente á organisação do dito mappa official, e figuram-se povoações que são de ha muito extintas. As sete Lagôas fontes do Paraguay estão collocadas vinte e tantas leguas a nornordeste da villa do Diamantino, sendo que existem cinco leguas a sul, um pouco para sudoeste. O traço da estrada de Cuyabá a Goyaz mostra-se ser ainda o antigo de Luiz de Albuquerque. Diversos affluentes muito conhecidos do Cuyabá e do alto Paraguay foram omittidos. Muitos nomes são trocados ou alterados, como Muleques por Mequens ; Amambay por Samambaia, etc., A carta da parte meridional da província, publicada em 1856 e organisada pelo Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro e capitão I. J. Mendonça de Carvalho, apresenta algumas correções uteis nas fronteiras occidental e meridional ; nada, porém, se melhorou ou innovou no interior da província. Igual observação me ocorre fazer a respeito do mappa organizado em 1860 pelo Sr. coronel P. A. de Sepulveda Everard e outros dois Srs. officiaes de engenheiros. Reparo tambem o modo por que está figurado o relevo do terreno em algumas partes, que fal-o parecer mais montanhoso do que é na realidade. Noto mais que o Fecho dos Morros vem designado com a denominação de Fecho de Pedras ; e logo abaixo d'este lugar, no chamado Passo do Tarumã, vê-se representado na margem direita do Paraguay um pequeno monte, que existe sobre a margem esquerda. Ainda não pude obter o atlas da obra do conde de Castelnau, mas tenho presente uma carta lithographada em Gotha em

1857 e organisada pelo Dr. Petermon, segundo o mesmo atlas. Ha n'esta carta valiosas correccões a outros mappas, como seja na estrada de Goyaz a Cuyabá e as origens dos rios Paraguay e Arinos, e supponho que tambem no districto de Miranda. Porém a par d'estes melhoramentos deixaram-se subsistir conhecidos erros e introduziram-se outros novos; por exemplo, o Sangrador (na estrada de Goyaz) parece ser o mais remoto galho do rio das Mortes, sendo que a verdadeira cabeceira d'este, o rio Manso, está figurado com direcção a norte e noroeste, Os riachos Madeira e Agua Branca, que desaguam no Cuyahámirim, estão representados muito a sul da sua verdadeira posição. O mesmo acontece com a freguezia de Santo Antonio, collocada abaixo das boccas dos Aricós, sendo que existe acima das mesmas boccas e distantes apenas cinco leguas d'esta cidade. O curso do S. Lourenço e outros rios está mal descripto. Ha bastantes nomes trocados ou alterados, etc.

Na obra publicada pelo Sr. C. B. Bossi em 1863 ha um pequeno mappa em que vem bem delineado o itinerario que seguiu o mesmo senhor de Cuyabá ao rio Arinos.

Para servir como de complemento a esta memoria, organizei o mappa que a acompanha na pequena escala de 1,50000, no qual fiz aos mappas acima mencionados algumas emendas que me parecem indispensaveis, embora haja ainda muito que modificar n'elles para que se approximem da exactidão. São aliás muito incompletos.

Tendo por unico fim tornar intelligivel o que levo dito e o que me resta a dizer, omitti, para evitar confusões, o curso de alguns rios de secundaria importancia, e deixei de figurar o relevo do terreno, mesmo nas poucas partes onde me fôra possivel fazê-lo com tal ou qual exactidão.

Finalmente passo a indicar quaes são, a meu ver, as paragens cuja exploração é mais urgente e exequivel. O territorio immediato á fronteira a sul do parallello de 20°.

O espaço comprehendido entre os parallelos de 14° 16' e 30' e os meridianos de 57° 0' e 0'', sendo estes a parte mais povoada e cultivada da província.

A navegação do Paraguay, da foz do Sipotuba para cima, e a do alto S. Lourenço e dos seus afluentes Hiquere, Correntes e Pequeri.

Um pequeno espaço da fronteira de Villa Maria, entre o Jaurú e Aguapehy, o lugar das antigas Salinas de Almeida, e a Concha Grande.

O caminho de Sant'Anna do Paranaiva ao Pequeri e ao novo estabelecimento de Coxim, e a prolongação do mesmo caminho até Cuyabá.

Os terrenos que medeiam entre Miranda e Sant'Anna do Paranaiva.

O espaço comprehendido entre a estrada de Goyaz e a supramencionada de Sant'Anna ao Cuyabá.

Esta ultima exploração ha de ser mais custosa que as antecedentes, porque, tendo de fazer-se por paragens ermas e infestadas por indios bravios, não poderá dispensar o acompanhamento de força sufficiente para conter os mesmos indios, meios de transportes para maior provisão de viveres, bagagens, munições, etc.

Quanto ás explorações a norte do parallello de 15°, dão-se em maior grão as dificuldades que acabo de apontar, e parece que taes expedições devem ficar adiadas para época ainda muito distante. Exceptuarei todavia a navegação, que não tem cessado de ser praticada pelos rios Arinos e

Tapajoz, navegação que tem, relativamente á do Madeira, a vantagem de ser mais breve e feita toda dentro do nosso territorio.

Segue a esta memoria uma tabella das latitudes e longitudes de diversos lugares d'esta provincia, que foram determinadas por observações astronomicas, com designação dos observadores. (*)

Cuyabá, 26 de Janeiro de 1 64.

Augusto Leverger.

Conforme — *Manoel da Cunha Galvão.*

(*) Não recebemos o mappa nem a tabella a que se refere o Sr. Leverger.